

Seus livros são seu sôtão bem particular onde “restos” são elaborados, como uma de suas anotações apontam: “a minha paisagem não contém nada além de restos. É um sôtão com objetos pessoais” – “restos de memória, de cultura – que vieram parar na minha praia-sôtão”.

Este espaço de armazenamento e elaboração de imagens guarda também algumas que, por algum motivo, não são levadas adiante – não passam pela seleção do artista, como discuti anteriormente. Poderia selecionar algumas páginas dos livros que ilustram este fato observado.

A crença na imagem professada por Senise é, assim, reforçada por estes percursos preservados nos livros, marcados pela dedicação a muitas delas, e pelo processo de seleção e fortalecimento de algumas.

Não há dúvida de que a vitalidade criativa dos livros amplia o espaço de ação de Senise e mudam a materialidade de suas pinturas, ao tornar mais espessa ainda sua trama. Seus livros nos levam a sentir e ver a atividade da mão criadora respaldada pelo desejo do artista e pelas reflexões que sustentam suas obras.

BIBLIOGRAFIA

- ADES, Dawn. “Daniel Senise: Vestígios”. In: SENISE, Daniel. *Ela que não está*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.
- HAY, Louis. “L’amont de l’écriture”. In: Hay, L. (org.) *Carnets d’Écrivains*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1990.
- PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. “Construções sobre a pintura”. In: SENISE, Daniel. *Ela que não está*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

LEITURAS EM MOVIMENTO

CELINA BORGES TEIXEIRA
LABORATÓRIO DO MANUSCRITO LITERÁRIO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

Este artigo trata da confecção e apresentação de um móbile como suporte para se mostrar uma pesquisa em andamento e para se compreender o processo de criação de Paul Valéry. Assim, o móbile materializa vários conceitos abstratos, como a complexidade, a multiplicidade e a não-linearidade ao mesmo tempo.

RÉSUMÉ

Cet article traite de la confection et de la présentation d’un mobile comme support pour montrer une recherche en cours et pour faire comprendre le processus de la création en entier de Paul Valéry. De plus, le mobile a l’avantage de matérialiser dans le même espace plusieurs concepts abstraits tels que la complexité, la multiplicité et la non-linéarité.

ABSTRACT

This article discusses the construction and the presentation of a mobile as a means to show an on-going research and to understand

Paul Valéry's process of creation as a whole. The mobile materializes many abstract concepts at the same time, such as complexity, multiplicity and non-linearity.

a participação em um congresso inclui a elaboração de um trabalho a ser apresentado e discutido por todos os presentes. No caso de um aluno que ainda esteja com a sua pesquisa em andamento, a apresentação de um pôster tem sido o procedimento mais usado. Ao preparar-me para ir à Anpoll deste ano, em Niterói, deparei-me com uma questão prática, a inadequação de um cartaz como um suporte para o conteúdo de meus estudos. As dimensões altura e largura não seriam suficientes para expressar idéias como transparência e simultaneidade que surgiam sem muita clareza.

Ao discutir estas questões, percebi que a noção de movimento também era um dado muito importante para representar o processo de criação do poema *L'ange* de Paul Valéry. Porém, como fazer para dar movimento a idéias e expressar a simultaneidade em um cartaz? Possivelmente haveria várias soluções para esta pergunta. A que se apresentou a mim, na verdade, não era um pôster mas, um móbile. Afinal, o que é um móbile?

Eis algumas das definições encontradas:

1. Todo corpo que se move e é considerado no seu movimento.
2. Conjunto de elementos construídos em materiais leves e arrumados de tal maneira que tomam disposições variadas sob a influência do vento ou de algum outro motor.

A confecção de um móbile, normalmente, tem fins artísticos, estéticos e até mesmo lúdicos que fazem dele um objeto que condensa em si muitos conceitos simultâneos. Ao lembrar das criações de Calder e Miró, podemos perceber o paradoxo existente entre as idéias muito complexas e a sua apresentação aparentemente simples. Aquelas obras parecem nos convidar para a sua leitura e fruição, para a valorização dos seus movimentos e da sua leveza.

Comentando as obras de Alexander Calder, o crítico de arte Giulio Carlo Argan diz:

a descoberta de um movimento natural, obtido segundo o princípio da balança, baseado num contrapeso rodando num eixo que sustenta a obra, constitui a base de seus móveis, que, abandonada a esteticidade, fazem-se vibrantes, sensíveis a cada movimento do ar, imitam o movimento das folhas. Calder desenha o espaço com uma grafia delicada que o torna um dos intérpretes mais sensíveis da morfologia natural, em seus aspectos mais impalpáveis e vitais, numa espécie de dinâmica interior que parece querer imitar o desenrolar da vida no sopro da respiração.

E foi pensando no que se poderia chamar também de dinâmica interior do processo de criação do poema *L'ange*, que surgiu um móbile para representá-lo e permitir a leitura deste movimento. Outra idéia que sempre esteve presente nesta elaboração foi a simultaneidade, a possibilidade de se fazer a passagem de uma etapa para outra, de se visualizar os caminhos da criação de Paul Valéry.

As cópias dos fólhos 370 e 371 do Cahier VIII, contendo o rascunho do poema, a sua transcrição diplomática e o poema publicado, foram feitas em acetato. Em seguida, várias folhas de papel cartão foram encapadas com papel espelhado, para serem intercaladas com as transparências. Em cada uma destas folhas foram feitos pequenos furos para os fios de nylon, que serviram para pendurá-las no suporte. A forma deste suporte deveria ser preferencialmente circular, então, a solução acabou sendo fabricá-lo com um tubo plástico. Com o círculo pronto, as folhas transparentes foram sendo penduradas juntamente com as espelhadas. Bastava solucionar o problema de onde pendurar o próprio móbile. Depois de muita procura, encontrei um suporte para microfones que serviu a este outro propósito um pouco inusitado. E, finalmente, consegui dar corpo a várias idéias e conceitos que me pareciam muito abstratos.

Alguns destes conceitos já haviam sido apresentados em um artigo anterior (Teixeira, 1993), no qual relacionava o processo de criação do poeta Paul Valéry à complexidade, à simultaneidade, à não-linearidade estudados pela Teoria do Caos, da Física, na qual caos é entendido como a complexidade de sistemas. A complexidade dos vários níveis de informação que se encontra nos manuscritos, por exemplo, nos força a organizar os conhecimentos a cada vez que um “ruído” nos impede a compreensão. Assim, existe um trabalho de reorganização das informações a cada vez que a leitura se aprofunda. Poderíamos pensar num movimento que vai do ‘ruído’ à reorganização dos dados e que chega a novo nível de compreensão.

Esta construção dos sentidos pode-se dar tanto num manuscrito quanto num texto publicado, mas, ao visualizar as etapas da criação no móbile, o processo de auto-organização dos conhecimentos torna-se mais claro. O mesmo acontece em relação à multiplicidade das escrituras de textos como o poema *L'ange*, o começo de *Orphée*, as anotações pessoais e os acréscimos que podem ser lidos simultaneamente também. Pois, ao expor num móbile a cópia de um dos manuscritos de *L'ange*, a sua transcrição e o poema que foi publicado, todos em acetato, ou seja, em transparência e em um círculo, a intenção é mostrar como as etapas podem ser lidas e estudadas ao mesmo tempo.

A ênfase na não-linearidade das leituras não implica não considerar a cronologia da obra, mas em não valorizar apenas uma das partes de um todo muito mais complexo. A apresentação da gênese deste poema de uma maneira não-linear permite que se faça a articulação de conceitos, imagens e movimento. E não seria justamente isso o que acontece durante a dinâmica da própria criação?

Além de representar o processo da criação de um poema específico, o móbile poderia ser considerado como um recurso cognitivo para se efetuar a compreensão em vários níveis e a materialização de questões tão abstratas como a complexidade encontrada nos documentos preparatórios de uma obra de arte. Uma etapa espelha-se na outra, a transparência permite que se visualize o conjunto da criação em curso e o círculo nos faz ver a

multiplicidade de leituras existentes ali. Tudo isto se realiza em pleno movimento dentro da dimensão do tempo no qual se desenvolvem estas articulações.

Desta forma, a compreensão e a mudança de perspectiva ocorrem em dois momentos distintos: primeiramente, na elaboração e confecção do móbile, em todos os aspectos práticos; em seguida, nas leituras propiciadas por ele. A interação com os objetos que se movem, a aproximação física de quem olha, a possibilidade de uma participação ao ver a sua própria imagem sem nitidez refletida nas folhas espelhadas fazem com que o observador apreenda melhor este processo. E, com as suas leituras, também passe a fazer as suas interpretações.

A apresentação do móbile do poema *L'ange* suscitou discussão e curiosidade entre os pesquisadores presentes no congresso. Dentre os aspectos que mais chamaram a sua atenção estão a simultaneidade, a não-linearidade e a multiplicidade; e ainda, o fato de haver alguns pontos em comum com o hipertexto: o móbile como um hipertexto tridimensional, a própria complexidade em movimento. E assim, como a criação é dinâmica, os processos de compreensão também. Por isso, todas estas questões continuam sendo desenvolvidas e aprofundadas, ou seja, a reflexão e a busca continuam em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TEIXEIRA, Celina Borges. “Uma aproximação enriquecedora”. Em *Manuscritica* 4, São Paulo, APML, 1993.
- ZELANSKI, Paul & FISHER, Mary Pat. *The art of seeing*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall Inc, 1991.